

O fracasso do sentido em psicanálise¹

Lucíola Freitas de Macêdo

Por ocasião da elaboração dos temas de trabalho para os quais tenho sido convidada a colaborar nos últimos tempos no âmbito do Instituto, têm acontecido uma feliz coincidência! No exato momento em que estou às voltas com o trabalho de elaboração, tenho encontrado referências que me capturam, a partir das quais tenho constituído um trabalho de investigação que tem se prolongado para além do momento de transmissão. Chego a acreditar, em meu pequeno delírio, que talvez sejam elas, as referências, que me encontrem...

Primeiro, quando estava às voltas com o tema da Conversação do Instituto "Não existe sujeito sem instituição!"², encontro uma linda entrevista de Amos Oz publicada no Estadão³. Em seguida, movida pelas ressonâncias e questões ali suscitadas, e por ocasião da elaboração do texto para a Jornada Anual dos Institutos Brasileiros⁴, me deparo com "Todos Lacanianos" proferido e escrito por Jacques-Alain Miller em 1979. Texto atualíssimo, que tive o gosto de ler e pensar à luz das lições 10 e 11 de "Vida de Lacan", seminário proferido por J.-A. Miller em 2010 no âmbito da Orientação Lacaniana.

Essas referências, cada uma a seu modo, continuam presentes nesse momento, pois tocam o coração do tema do fracasso em psicanálise. Nos dois tempos que antecederam essa aula inaugural, privilegiei o tema do fracasso no que concerne à formação do analista em sua relação com a história das instituições analíticas e seus impasses, assim como a presença da psicanálise nos costumes. Retomo algumas passagens dos tempos anteriores para relançá-las a partir do encontro com uma terceira referência que anunciarei em

seguida, a qual retomarei hoje à luz de algumas passagens de "O ser e o Um", proferido por Jacques-Alain Miller em 2011, no âmbito Seminário de Orientação Lacaniana.

1. Na conferência de 13 de dezembro de 1979, J.-A. Miller⁵ adverte que não apenas o legado de Freud mas também o de Lacan haviam se incorporado aos costumes. Começaria naquele momento, um tempo resumido sob o imperativo *Todos lacanianos!* O "todos" ali, funcionaria como um tampão, a obstruir a fenda que Lacan havia aberto com seu ensino. A marca viva deste só se manteria, se a hiância constitutiva da experiência analítica for seu motor. De outro modo, o vocabulário e o formalismo por ele criados estariam fadados à massificação, à burocratização, à automatização de seu uso.

2. Mais recentemente, no curso "Vie de Lacan", Miller retoma o tema do fracasso e as ressonâncias dessa palavra em seu ensino, sobretudo a partir de dois acontecimentos fundamentais: o primeiro, sua "excomunhão", antecedeu a fundação da Escola Freudiana de Paris, em 1964; o segundo, deu-se em 1967, e tratou-se da recusa por parte de seus pares da proposição do passe. Advertido de que há algo na psicanálise que se apresenta como obstáculo à regeneração periódica da própria psicanálise, desejava intervir, novamente e mais uma vez, sobre a situação da psicanálise e a formação do analista naquele momento. Miller faz seu percurso em torno do tema do fracasso nos textos institucionais de Lacan, também ele movido por um intenso e profícuo debate suscitado por uma crise na experiência do passe na ECF, que não foi sem consequências no âmbito das demais Escolas da AMP. Nesse contexto, retoma a constatação de Lacan: a psicanálise prospera no fracasso. É vão tentar remediar o precário, e mesmo a inconsistência de seus operadores por meio do saber constituído, mesmo de um saber constituído no âmbito da própria psicanálise. O mesmo conceito ou dispositivo poderá instaurar uma hiância

em dado momento ou circunstância, e vir a funcionar como tampão no momento seguinte.

A psicanálise prospera no fracasso. Como entender tal assertiva de modo a não incorrer em uma apologia ao fracasso, como bem adverte Elisa Alvarenga em seu Editorial para a Agenda da EBP-MG? Tendo feito o percurso em torno dessa questão a partir das instituições analíticas, relanço a questão do fracasso em psicanálise por outra perspectiva. Foi justo enquanto estava às voltas com essa questão que a quarta referência veio ao meu encontro! Enquanto preparava uma aula e procurava "As origens do caráter na criança", de Henri Wallon, eis que encontro "O sintoma contra o sentido", de Elisa Alvarenga!! Nesse texto, Elisa propõe pensar o destino do sintoma no final de análise. Para tanto ela nos dirá de um fracasso, de algo que na análise se ganha para se perder: o sentido (e não o juízo!). O curioso é que Elisa inicia esse texto, eminentemente clínico, que trata do final de análise e da psicanálise pura, com um comentário muito esclarecedor sobre a aplicação da psicanálise: "Podem nos objetar que hoje, com a aplicação da psicanálise aos mais diversos sintomas, nem sempre temos um sujeito cujo sintoma demanda ou produz sentido, podendo apresentar-se como pura repetição de um gozo pulsional. Cabe ao analista, nestes casos, inserir este sintoma em um discurso, articulá-lo com significantes, aparelhá-lo com a linguagem"⁶.

Há uma nuance aí, que, como veremos, faz a diferença, pois localiza o fracasso sem o qual a psicanálise não poderia operar, nem produziria qualquer hiância, apenas obturaria, fixaria, engordaria o sintoma: o fracasso do sentido em negativizar o gozo. Observem que Elisa não nos diz que o analista visa o sentido do sintoma, trabalhando para arrumá-lo para a festa das múltiplas e infindáveis significações que um sujeito possa agregar a ele. Prosseguindo a leitura do texto, para que um trabalho

analítico se inaugure, é necessário que a transferência se instale, seja através da suposição de saber, seja captando o investimento libidinal do sujeito. Então, não há análise sem transferência, pois somente sob transferência, e sob condição de um certo manejo da transferência pelo analista, é possível que a primazia do sentido se esvazie e, visando o gozo e orientando-se pelo real, uma análise encontre um final. Eis aí a indicação clínica que nos orientará na abordagem do fracasso que faremos nessa Aula inaugural: **é preciso que o sentido fracasse para que advenha o que está em jogo no gozo do sintoma.**

Há desde o início de um tratamento, tal qual nos adverte Éric Laurent, um ponto referente ao método: "O psicanalista aborda tudo do ponto de vista do fracasso: o ato falho, o sintoma, o ato sintomático, o truque que rateia, a coisa que manca. Sobre as coisas que têm sucesso, o psicanalista não tem muita coisa para dizer"⁷. Laurent afere o fracasso de início, e como método: será isso um elogio? Parece que sim. Um elogio do fracasso, e não do sucesso, tão caro ao espírito de nosso tempo. Mas o elogio de certa modalidade de fracasso. De um tipo de fracasso que não tem, do outro lado do espelho, o sucesso como oposto-complementar. Trata-se de um fracasso sem par, melhor dizendo, de um fracasso ímpar.

Retomemos essa indicação clínica para dela extrair as consequências no âmbito da prática da psicanálise: é preciso que o sentido fracasse para que advenha o que está em jogo no gozo do sintoma.

Acompanharemos, para tanto, Jacques-Alain Miller em algumas passagens de seu Curso "O ser e o Um", naquilo que possa nos esclarecer sobre o fracasso em psicanálise. As lições VIII e XIV, em especial, são imensamente esclarecedoras. **O que fracassa com o fracasso do sentido?** A ontologia, enquanto discurso do ser, eixo fundamental do discurso do Mestre. Na transferência fracassa o amor, em

sua vertente narcísica. Também o saber como doação de sentido.

Nesse seminário, Miller constitui uma oposição conceitual entre o ser, objeto da ontologia, e a existência, campo ao qual irá articular o gozo em sua vertente real. A psicanálise, em seus fundamentos, recusa a noção de um ser eterno em benefício do ser discursivo, inexoravelmente ligado à função do tempo. O ser falante não se constitui enquanto *ser no mundo*, caro ao existencialismo, mas como *ser no discurso*. A existência não nos faz sair da linguagem, mas para ter acesso a ela é preciso tomar a linguagem em outro nível que não apenas o do ser. Há na prática analítica a dimensão de reconstituição da história do sujeito, dos avatares do sentido de seu ser, em que as formações do inconsciente, a dimensão da verdade, do desejo e do saber, da falta-a-ser ao des-ser jogam sua partida. Com o primado conferido ao gozo no último ensino de Lacan, será preciso alçar a linguagem ao nível da escrita, não da escrita da fala, da semântica dos sintomas, que produz múltiplos sentidos, mas da escrita como manejo da letra, do rastro, do significante quando este opera em sua dimensão de furo, ressoando no corpo como um acontecimento. O *sinthoma* é definido como acontecimento de corpo que, eventualmente, convocará sentidos. Digo eventualmente porque se essa é a norma de funcionamento nas neuroses, não podemos dizer o mesmo no que concerne às psicoses. O sentido é secundário. A partir desse acontecimento, uma semântica dos sintomas poderá se desenvolver, mas em sua raiz há um "puro acontecimento de corpo"⁸. Lacan privilegia e extrai novas consequências da teoria do trauma em Freud, especialmente de suas elaborações na Conferência 32, "Angústia e vida pulsional"⁹. Nessa conferência, Freud atribui o traumatismo ao que ele chamou de traço de afeto (*affektspur*), que se instala a partir dos efeitos engendrados no corpo pela

linguagem. Freud jamais restringiu a estrutura do sintoma analítico aos mecanismos do recalque e da substituição. Encontramos, já no texto freudiano, a inserção do acontecimento traumático no corpo. Lacan em seu último ensino reafirma essa perspectiva a partir dos laços engendrados pelas relações entre significante e corpo: de um lado, a significantização, que, via semblante, acentua o caráter lógico do significante, e por outro, a corporização, que implica na incorporação de um significante na dimensão do corpo, e desse modo, na perda da significação em favor de um efeito de gozo¹⁰.

O corpo se goza, indicando uma reflexividade do gozo, enquanto o desejo é o desejo do Outro, pressupondo uma dialética. No nível acéfalo da pulsão, a instância da alteridade não comparece. A fantasia fundamental, tal como Lacan a propõe, é o resultado de uma conjunção singular do desejo e da pulsão, do inconsciente e do isso, é uma consistência híbrida constituída por duas entidades heterogêneas. O *sinthoma*, que concerne ao real, não é um retorno do recalcado, não se apazigua, não cessa, não se negativiza ou desaparece com o desvelamento da verdade, não é interpretável.

E eis então que, em seu ultimíssimo ensino, Lacan coloca o sentido à distância. Não opera com ele, mas contra ele. Vale lembrar que para J.-A. Miller, o fato de Lacan colocar o sentido à distância, de visar o fora de sentido, não significa que ele faça uma apologia à mística, muito pelo contrário, esta decisão é consoante de um elogio à lógica, na medida em que a lógica formaliza e opera fora do sentido, num campo da linguagem limpo de significação, a fim de manejar a letra que, enquanto tal, não tem sentido e comporta uma materialidade. Para ele, a heresia de Lacan não foi a de sair do campo da linguagem, rumo ao inefável, mas permanecer nele, regulando-se não pelo ser, mas pela letra, por sua materialidade, enquanto resto da operação

analítica. É nisto que a escrita Joyciana captura Lacan. Não via uma poética ficcional da linguagem, mas por causa da materialidade assonante de sua escrita. Se em 1957, no Seminário sobre "A carta roubada", Lacan se apóia no equívoco joyciano - a *letter* (carta/letra) a *litter* (dejeito) - para marcar o hibridismo e a dupla vertente da letra, de significante por um lado, e de objeto por outro, já em seu ultimíssimo ensino Lacan constitui categorias monistas. A noção de discurso permite uma junção entre significação e satisfação, a noção de *sinthoma* reúne sintoma e fantasia fundamental, e a noção de letra subverte a dicotomia entre significante e objeto¹¹.

As relações entre letra e significante nem sempre são, no ensino de Lacan, dotadas de uma nítida delimitação¹². Em "A instância da letra", o significante funcionaria como letra quando sua dimensão literal, material, é despojada de seu valor de significação. A letra aparece aí como um outro nome do significante, quando este opera separado da significação¹³. Somente a partir de "Lituraterra" e do *Seminário 20*, a letra irá se diferenciando do significante, especialmente no que concerne ao seu suporte sensível, corpóreo, em sua conexão com um gozo opaco, sem sentido.

Para o ultimíssimo Lacan, o campo do sentido e das ficções desconhece o que está na raiz: o real do sintoma. Por exemplo, evocando o caso do Homem dos ratos, o real do sintoma obsessivo não seria o pai, mas a presença do olhar. Ideal e pai são derivados do olhar. Primeiro há o gozo, depois as miríades de sentidos que se adicionam como tentativas de circunscrever e apaziguar o encontro traumático com o mesmo. Enquanto uma análise ortodoxa tentaria responder ao enigma sexual por um efeito de verdade, de uma elucidação, a heresia lacaniana visaria, ao contrário, alcançar o que o gozo comporta de opacidade irreduzível, fora do sentido e, portanto, inadaptável, não-normatizável¹⁴.

Com o fracasso da ontologia, fracassa também o amor em sua vertente imaginária. O Um do amor, que se constitui por um efeito de significação, é diferente do Um da existência, que se constitui por um efeito de escrita. Esse significante Um, que se lê, concerne ao campo da linguagem esvaziada de sentido, ao mesmo tempo em que se diferencia do gozo, atribuído ao corpo que goza de si mesmo. Nessa perspectiva, o significante Um se imprime sobre o corpo como efeito de gozo, por isso podemos dizer que a linguagem é um aparelho de gozo. Em seu último ensino Lacan esvaziará os múltiplos sentidos da castração freudiana (falta, erro, culpa), e privilegiará a noção de desregulação, desarranjo. A contingência da conjunção do significante Um (S1) com o gozo - e não com o S2 produzindo uma significação - instaura a irrupção de um gozo inesquecível, que itera e se repete, e que se faz fora do sentido. Nessa perspectiva, o significante não opera em sua vertente de conexão com o significado, mas conectado à pulsão, ao gozo do corpo. A queixa e o sofrimento que daí possam advir, a desregulação, o excesso e desarranjo que aí venham a se produzir, poderão incitar e convocar sentidos, mas não a irrupção desse gozo mudo, opaco, que Lacan atribuiu à sexualidade feminina. O gozo do *sinthoma* diferencia-se do gozo fálico, situado na junção do simbólico com o real, e do sentido gozado (*jouis-sense*), situado na conjunção do imaginário com o simbólico. Não se trata aqui do núcleo elaborável do gozo que circula nos desfiladeiros lógicos da cadeia significante¹⁵. Não comporta um sentido recalcado, nem uma verdade a ser revelada. Apenas se constata, se repete, itera. Por isso o saber, em sua vertente de produção e doação de sentido, fracassa. Esse gozo repetitivo é fora do saber, S1 sem S2. É a isso que Lacan designa de real na experiência analítica: essa conjunção do significante Um, feito letra, com o gozo. O que se visa em uma análise em sua perspectiva pura, mas também o que não se pode desconsiderar nos

diferentes campos de sua aplicação, é a contingência desse encontro entre significante e gozo, e as vias especiais, sempre torcidas e imprevisíveis, pelas quais essa conjunção se deu para um sujeito.

¹ Texto apresentado em 05/03/2012, por ocasião da Aula inaugural do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, que teve por tema *O fracasso em psicanálise na perspectiva do Instituto*.

² MACÊDO, L. (2011). "Não existe sujeito sem instituição!". In: *Almanaque On line*, nº 8. Disponível em: <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/08/textos/Luciola.pdf>.

³ OZ, A. (2011). Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/sonia-racy/a-religiao-tambem-e-uma-forma-opressiva-de-poder/>.

⁴ MACÊDO, L. (2011). "A psicanálise nos costumes". In: *Curinga*, nº 32. Belo Horizonte: Ed. Scriptum, pp. 135-143.

⁵ MILLER, J.-A. (1987). "Todos lacanianos!". In: *Escision, excpmunion, disolución*. Buenos Aires: Manantial, pp. 246-250.

⁶ ALVARANGA, E. (2003). "O sintoma contra o sentido". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 36. São Paulo: Edições Eolia, pp. 71-73.

⁷ LAURENT, E. (2010). "O nome do Pai entre realismo e nominalismo". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 58. São Paulo: Edições Eolia, p. 99.

⁸ MILLER, J.-A. (2010-2011). "Curso de orientação lacaniana III, 13: L'être et l'Un". Inédito. Aula de 30 de março de 2011.

⁹ FREUD, S. (1976/1933[1932]). "Conferência XXXII - Ansiedade e vida instintual" In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora, pp. 103-138.

¹⁰ LECOEUR, B. (2009). "Acontecimento de corpo". In: *Scilicet: Semblantes e sinthoma*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, pp. 26-28.

¹¹ MILLER, J.-A. (2003). *La experiencia de lo real en la cura psicoanalitica*. Buenos Aires: Paidós, p. 346.

¹² Vale acompanhar os desdobramentos desse ponto em MANDIL, R. (2003). *Os efeitos da letra, Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, pp. 28-31.

¹³ MILLER, J.-A. (1996). "O escrito na palavra". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 16. São Paulo: Edições Eolia, pp. 94-102.

¹⁴ Idem. (2010-2011). Op. cit., aula de 25 de maio de 2011.

¹⁵ NAJLES, A.R. (2009). "Gozo". In: *Scilicet: Semblantes e sinthoma*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, pp. 139-141.